



Feminismo e religião: uma análise das feministas evangélicas na rede social

Milena Geisa dos Santos Martins¹

Moema de Castro Guedes²

RESUMO

O presente artigo pretende debater, através do caso das feministas evangélicas, o papel que a internet vem assumindo como canal condutor (e difusor) de lutas sociais, particularmente o feminismo. Diversos grupos minoritários que lutam por reconhecimento social vêm se apropriando deste espaço e criando novas dinâmicas de mobilização e luta a partir destas ferramentas de comunicação. Segundo a literatura pesquisada, o Facebook é a rede social mais utilizada quando o objetivo é a mobilização social. Por isso escolhemos nos debruçar sobre um grupo e duas páginas de mulheres no Facebook, que afirmam ser cristãs/evangélicas e também feministas, justamente pelo antagonismo que essa dupla pertença aparenta ter e pelos possíveis grupos de interesse que as temáticas despertam na rede. Desse modo, buscamos destacar alguns elementos particulares a este segmento estudado e outros comuns a grupos políticos que vem se utilizando do ativismo digital

Palavras-Chave: Gênero, Religião, Rede Social, Ativismo Digital.

Recebido em 30/03/2019

Aceito para publicação em 04/01/2020

DOI: <https://doi.org/10.25067/s.v2i23.24049>

Introdução

Embora aparentemente antagônicos enquanto ideários, o feminismo entre mulheres evangélicas vem crescendo e nosso objetivo com o presente

¹ Mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: milenamartins18@gmail.com.

² Doutora em Demografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora e pesquisadora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: moguedes@yahoo.com.br.

trabalho é mostrar que o ativismo no meio virtual assume papel importante ao ampliar as formas de expressão e diálogo deste segmento que se identifica simultaneamente com ideais mais igualitários entre homens e mulheres e seguem sendo praticantes da religião evangélica.

Nossa porta de entrada na questão foi o grupo virtual “Feministas Cristãs” e as páginas “Evangélicas pela igualdade de gênero” e “Frente evangélica pela legalização do aborto”, todos acessíveis através do Facebook. Nestes ambientes virtuais, realizamos uma análise dos conteúdos e discussões suscitadas por diversos tópicos durante seis meses. Em linhas gerais, tratam-se de fóruns onde as mulheres esclarecem, colhem e apoiam umas às outras, mencionando suas ideias e expondo sua militância através de uma interpretação da bíblia tida por elas como não machista, na qual vê-se um Cristo amoroso e não punitivo.

Percebemos a internet como um lugar de maior liberdade de expressão, no qual a voz feminina não seria silenciada e/ou constrangida como costuma ocorrer nas igrejas. O meio virtual proporcionaria não só a liberdade como também visibilidade. Desse modo, é possível alertar mulheres sobre as mais variadas questões que perpassam seu cotidiano, fazer denúncias sobre ocorrência de violência doméstica e até mesmo a respeito de assédio cometido em meio eclesial, praticado por lideranças ou membros do gênero masculino.

Entretanto, embora a internet seja um espaço tido como democrático, de rápida disseminação de conteúdo, notamos que as ideias das feministas evangélicas encontradas na rede atuam em um círculo de certo modo restrito, assumindo pouca repercussão. Através das evidências encontradas constatamos grande reação dos indivíduos com posicionamentos políticos e religiosos tradicionais, com pouca abertura ao diálogo ou efetiva troca de ideias. A discordância desse segmento conservador geralmente resulta em ataques virtuais a essas mulheres, principalmente quando se trata de posts a respeito da legalização do aborto.

Em relação aos comentários contrários recebidos pelos grupos, não percebemos nenhum registro de feministas seculares. Entretanto, as recorrentes objeções e ataques vieram de indivíduos religiosos com concepções mais tradicionais a respeito do desempenho dos papéis e das relações e práticas sociais de gênero. É importante destacar que embora a discordância (e até mesmo ataques verbais) se manifestem por meio de indivíduos de ambos os sexos, os homens foram os principais responsáveis pela manifestação da violência na rede.

Feminismo e religião: um encontro possível

Becker (2007) afirma que ao fazermos uma pesquisa não devemos ir a campo esperando saber todas as respostas. Nesse sentido, a ciência deveria ser contra intuitiva e levantar questionamentos sobre os quais de fato não conhecemos análise óbvia. Pensar as mulheres evangélicas e sua dupla pertença nos ajuda a indagar possíveis rupturas e continuidades nestes campos permeados de preconceitos e estereótipos do senso comum. Em uma visão idealizada as mulheres evangélicas aparecem como submissas, acríticas e de extrema dedicação aos desejos dos pais, maridos e pastores. Partindo do princípio antropológico de estranhar o familiar e familiarizar o exótico buscamos analisar os discursos destas informantes, trazendo à tona tensões e resistências que eles acionam.

Rosado-Nunes (2001), através de um debate teórico central, lança-nos a pergunta: *será mesmo possível um encontro entre o feminismo e religião?* Embora, segundo a autora, não seja usual que os estudos da religião contemplem a temática de gênero e os estudos de gênero não possuam seu foco na religião, eles são contemporâneos um ao outro. Ambos surgiram no meio acadêmico durante as décadas de 1950 e 1960 do século XX. Na perspectiva da autora, as feministas teriam objeção em relação a religião pois a veriam como um espaço de opressão feminina, no qual o pensamento patriarcal retroalimenta as diferenças sexuais e reafirma as obrigações sociais de gênero. Embora haja, segundo ela, feministas que defendam a possibilidade de reformar as doutrinas e práticas religiosas, poucas são as pesquisas que debruçam suas análises acadêmicas sobre o comprometimento das mulheres com a religião.

Para o feminismo, a religião frequentemente foi pensada como uma forma de controlar as mulheres e de mantê-las em posição de subordinação, tanto na sociedade quanto na própria estrutura religiosa. Entretanto, Woodhead (2002), defende que é preciso estudar a condição do gênero dentro religião para além de qualificações positivas ou negativas sobre a aplicabilidade da religião na vida das mulheres. Nesse sentido, não deveríamos pensar as mulheres apenas como marionetes do patriarcado, mas sim como agentes racionais. Ou seja, para a autora, não se trata apenas de análises valorativas da religião sobre o gênero, seria possível (e necessário) construir discussões mais críticas a respeito do fenômeno.

É na teologia feminista³ que podemos encontrar a união e a articulação destes dois campos do saber, ainda que de modo incipiente. Segundo Rosado-Nunes (2001), os estudos de religião e gênero se estabeleceram no meio acadêmico através do capital simbólico e material das religiões, advindos principalmente do catolicismo, e de agências internacionais de apoio à pesquisa. Embora constata-se que analisar a religião pela perspectiva do gênero seja uma necessidade para futuros trabalhos, a autora destaca que mesmo antes do século passado as críticas feministas à religião já eram elaboradas por teólogas na Europa e, sobretudo, nos Estados Unidos. Apesar desta tradição, julgamos necessário voltar o nosso olhar também para as produções do Sul a fim de contemplar diferentes perspectivas de análise.

Para Ballestrin (2017), o chamado feminismo subalterno tem a capacidade de desconstruir sólidas teorias feministas eurocêntricas e representa diferentes movimentos feministas⁴. Em concordância, Roesse (2015) afirma que há uma imensa heterogeneidade de sujeitos femininos e, diante das variações de classe e raça, há também uma diversidade de vivências e experiências dessas mulheres⁵ com a religião. Logo, para esta autora a religião hegemônica, enquanto instrumento de colonização, deve ser transformada de acordo com as vivências das múltiplas mulheres, pois a religião abarcaria todas as esferas da vida.

Woodhead (2002), também afirma que a religião integra diversas esferas de sociabilidade dos indivíduos e destaca que as mulheres podem tentar reformar a religião tradicional, reivindicando direitos e oportunidades mais igualitárias. Outra possibilidade, segundo a autora, seria abandonar a religião à qual seguem e criarem novas formas de vivenciar a espiritualidade, nas quais não sejam supridos seus desejos e necessidades. No ambiente virtual, por exemplo, as feministas evangélicas defendem abertamente a legalização do aborto pois entendem que é necessário colocar fim à banalização da vida e da morte feminina. Para elas, o evangelho pregado e exercido deve ser acolhedor, ter o amor como referência para que prevaleça uma leitura da bíblia que não seja punitiva e excludente.

³ Segundo Rosado-Nunes (2001), a maior produção feminista teológica no Brasil vem das vertentes protestante e católica, possuem institucionalização e respeito da academia.

⁴ Para Ballestrin (2017), os diferentes movimentos feministas representados pelo Feminismo Subalterno, para mencionar alguns exemplos, são: feminismo terceiro-mundista ou pós-colonial, feminismo negro, feminismo indígena, feminismo comunitário, feminismo latino-americano, feminismo islâmico, feminismo decolonial...

⁵ Negras, brancas, heterossexuais, homossexuais, indígenas, ricas, pobres, transgênero...

A teóloga Tostes⁶ (2018), que se fundamenta nos estudos Pós-coloniais, afirma que nenhuma religião é singular. Segundo ela, existe no Brasil um cristianismo de centro e outro de margem. O primeiro seria composto por indivíduos tradicionais e fundamentalistas, e o segundo por indivíduos progressistas. Ainda na perspectiva da autora, os evangélicos marginais ou progressistas, embora pareçam um grupo novo, se preocuparam historicamente com a esfera social e atuaram nela desde as décadas de 1920 e 1930, mesmo que de modo mais tradicional, dado à mentalidade social da época. No século XXI, os chamados cristãos de margem defendem a teologia gay, a teologia negra, a teologia da libertação, a teologia feminista... entre outros temas. É neste contexto que surgem as feministas evangélicas. Embora marginalizadas pelo cristianismo de centro, elas seguem lutando pela aquisição e manutenção de direitos sociais principalmente através do meio virtual.

Feministas evangélicas no meio virtual

Richard Miskolci (2016), afirma que 50% da população brasileira possui acesso à internet, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD/ IBGE) de 2014. A respeito desses dados, enfatizamos que as pesquisas feitas no meio digital usualmente não articulam as dinâmicas ali vislumbradas com vivências do mundo *off-line*. Nesse sentido, nosso objetivo é mostrar como o virtual está integrado à vida cotidiana dos indivíduos e como a internet é essencial não só para a expansão das ideias feministas evangélicas como também para instrumentalizar e acolher essas mulheres.

Segundo Castells (1999), vivemos as transformações tecnológicas e sociais de modo imbricado. A sociedade e a tecnologia deveriam ser compreendidas conjuntamente, visto que uma influencia e opera na outra. Segundo o autor, estamos inseridos em uma sociedade em rede, na qual vivemos de maneira *on-offline* produzindo, recebendo e compartilhando conteúdos o tempo todo.

Para Miskolci (2016), as mídias digitais permitem que os indivíduos sejam protagonistas da própria vida ao serem capazes de produzir conteúdos que são disseminados na rede. A internet seria, portanto, uma revolução frente a mídias de massa que faziam dos indivíduos meros receptores. Desse modo,

⁶ Teóloga, feminista evangélica e autora do *Blog Angeliquisses*.

chamamos a atenção para possíveis reflexos dessas mudanças na comunicação e fluxo de informações sobre o tipo de diálogo produzido entre mulheres e em suas atuações políticas. A internet e o advento das redes sociais seriam ferramentas que ampliariam as possibilidades de agência para as mulheres, particularmente aqueles pertencentes a segmentos sociais historicamente invisibilizados, funcionando como espaço pedagógico e de denúncia.

Castells (2013), afirma que a internet dá voz aos indignados. A constelação de depoimentos semelhantes, postados em campanhas que estimulam os indivíduos a contarem suas próprias histórias pessoais, quando olhadas em conjunto, remetem a situações frequentes e possíveis opressões estruturais. No caso das mulheres, as campanhas como *Meu primeiro assédio* deram visibilidade a situações naturalizadas no cotidiano e que no ambiente virtual ganharam um caráter coletivo de denúncia.

Segundo Rossini (2014), o *Facebook* é a rede social mais utilizada quando o objetivo é a mobilização social por conta de dois recursos que são a criação de grupos⁷ e eventos⁸. Para a autora, ambos facilitam o agrupamento e a organização dos indivíduos em prol dos objetivos coletivos, fazendo com que seja possível a realização de manifestações tanto na esfera virtual quanto ao vivo, nas ruas. Em uma perspectiva mais ampla, as redes sociais contribuem com as lutas por reconhecimento social pois trazem visibilidade para as mesmas e desse modo fazem com que as questões reivindicadas por grupos minoritários ou desfavorecidos conquistem o debate na esfera pública. Neste sentido, as feministas evangélicas lutam para serem respeitadas tanto pelo meio cristão quanto pelo meio secular.

A primeira informação de caráter formal que acessamos, encontrada em uma reportagem⁹ a respeito das feministas evangélicas, é que elas inicialmente se reuniram como grupo fechado¹⁰ de *Facebook* intitulado Feministas Cristãs pois sentiram a necessidade de ter um espaço para dialogar sobre feminismo e sobre suas vivências pessoais. A restrição, segundo o grupo, seria fruto delas

⁷ Segundo Rossini (2014), os grupos virtuais, ou comunidades virtuais se usarmos a categoria analítica de Pierre Levy, são organizados por indivíduos que possuem interesse e/ou causas em comum. Os próprios membros do grupo também são responsáveis pelo compartilhamento dos conteúdos que circulam e alimentam o grupo.

⁸ Para Rossini (2014), os eventos permitem o planejamento e a organização de ações práticas demandadas coletivamente pela luta por reconhecimento.

⁹http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150729_salasocial_evangelicas_feministas_cc <<acesso em: 20, dezembro, 2017>>

¹⁰ No qual as mulheres que desejam participar precisam pedir autorização e passar por critérios de avaliação para serem aceitas. A entrada de homens não é permitida.

não serem bem-vistas em grupos de feministas seculares¹¹. Portanto, o grupo foi criado para elas se apoiarem, se instruírem e se fortalecerem contra os problemas enfrentados tanto na esfera privada¹² quanto na pública.

Há grupos ou comunidades virtuais que são criados por conta de um sentimento coletivo de indignação, *as experiências pessoais dos sujeitos são fundamentais para a compreensão da emergência de movimentos sociais e lutas por reconhecimento* (ROSSINI 2014, apud Honneth, 2003, p.316). A participação em comunidade e o compartilhamento de informações ocorre de modo voluntário. Logo, a autora ressalta que quando um indivíduo utiliza o *Facebook*, significa que este, por livre e espontânea vontade, almeja interagir com seus pares. Tanto o surgimento do grupo Feministas Cristãs quanto sua manutenção refletem essa dinâmica. Thayô Amaral, criadora do grupo Feministas Cristãs, afirmou em entrevista¹³ à *BBC News*, que o principal motivo para o surgimento do grupo foi a indignação que sentiam por conta da exclusão que sofriam nos espaços tradicionais de feministas seculares. Neste sentido, com o decorrer do tempo e do aumento da popularidade do grupo na rede, outras mulheres que se identificam como evangélicas e feministas tiveram conhecimento e começaram a participar do grupo pois sentiam-se excluídas tanto pela comunidade eclesial quanto pelas feministas seculares.

Ainda a respeito das comunidades virtuais, Lévy (1999), afirma que elas não são imaginárias ou ilusórias: *O ciberespaço surge como a ferramenta de organização de comunidades de todos os tipos e de todos os tamanhos em coletivos inteligentes, mas também como o instrumento que permite aos coletivos inteligentes articularem-se entre si* (LÉVY, 1999, p. 133). No caso das feministas evangélicas as semelhantes vivências fizeram com que elas se reunissem na internet e o conteúdo que produzem faz com que mais mulheres sejam instruídas sobre diversos assuntos pertinentes ao universo feminino, fazendo com que o ciberespaço influa na vida prática desses sujeitos.

¹¹ Optamos por definir as feministas não evangélicas como feministas seculares com o objetivo de facilitar a compreensão do leitor no que tange à distinção das feministas evangélicas e não evangélicas.

¹² A violência doméstica ainda é um dos principais problemas enfrentados pelas evangélicas (feministas ou não). Segundo Vilhena (2009), 40% das mulheres que sofrem agressão na esfera privada são evangélicas.

¹³ Disponível em:

<<https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150729_salasocial_evangelicas_feminist_as_cc>>

Para Pollak (1989), os objetos de pesquisa são mais escolhidos onde há conflito e competição entre memórias antagônicas. Nosso grupo se configura neste tipo de antagonismo por não se encaixar na memória que se construiu da mulher religiosa subserviente ao seu Deus, ao marido e à família sem se enxergar como indivíduo passível de desejos e vontades próprias. Ainda segundo o autor, as memórias subterrâneas¹⁴ efetuam o seu trabalho de subversão de modo silencioso, mas se expandem, ganhando voz e força em momentos de crise.

O machismo encontrado na sociedade, manifesta-se de maneira ainda mais arraigada no meio religioso. Diante disso, para além das medidas tomadas na vida prática, as feministas evangélicas estão se manifestando também no meio virtual. É possível encontrá-las no grupo de *Facebook* intitulado Feministas Cristãs e nas páginas Evangélicas pela Igualdade de Gênero e Frente Evangélica pela Legalização do Aborto, também na mesma rede social. Logo, as mulheres que se afirmam evangélicas e feministas estão reforçando a luta pelos direitos femininos e contribuindo para o empoderamento de seus pares de fé. Vale a pena destacar que o grupo Feministas Cristãs é composto unicamente por mulheres. Em todos os espaços virtuais mencionados, as feministas evangélicas destacam algumas demandas: lutam pelo término da violência contra a mulher, contra os preconceitos sofridos no meio evangélico por serem feministas; defendem a igualdade de gênero; são a favor da divisão igualitária do trabalho de reprodução social entre o casal. Além de apoiarem umas às outras elas discutem de maneira “didática” alguns assuntos presentes do universo feminino: sexualidade, aborto, métodos contraceptivos, violência contra a mulher, discussões sobre quais práticas são consideradas pecado ou não... entre outros assuntos¹⁵.

O grupo Feministas Cristãs, criador por Thayô Amaral, de 21 anos, surgiu com o intuito de debater questões sobre a religião e sobre o feminismo. No início tinha apenas 400 membros, atualmente são quase 5 mil.

A página Evangélicas pela Igualdade de Gênero foi criada em julho de 2015 com base em um estudo produzido por Valéria Vilhena (2009). Neste estudo a autora apontava que 40% das mulheres evangélicas viviam em situação de violência doméstica. Logo, o objetivo desta página seria discutir assuntos

¹⁴ Aquelas que não fazem parte da memória oficial. Ou seja, são as memórias que fazem parte de grupos que estão à margem da sociedade.

¹⁵ Todos os assuntos sobre os quais mencionamos são postados e comentados no grupo e nas páginas da rede social. As informações foram colhidas por meio da técnica de netnografia.

ligados à violência e assédio contra mulher, no meio público, privado ou religioso e instrumentalizá-las a identificar e denunciar toda e qualquer situação de abuso e/ou violência. O cuidado para com as mulheres é explícito, para além dos conteúdos de alerta produzidos e compartilhados na página, logo na capa (também chamada de *cover book*), é possível notar o acolhimento, o incentivo, a sororidade e o apoio entre as mulheres.

Figura 1: Cover Book da página Evangélicas pela Igualdade de Gênero



Fonte: Página do grupo no Facebook

<https://www.facebook.com/mulhereseig/photos/p.1077329302405827/1077329302405827/?type=1&theater>

A página Frente Evangélica pela Legalização do Aborto, criada em dezembro de 2017, como o próprio nome já diz, luta pelo direito ao aborto seguro e pelos direitos da mulher. Entretanto, apesar de ser a página mais recente, é a que mais recebe ataques dos usuários da rede social *Facebook*, como veremos a seguir. É importante ressaltar que as feministas evangélicas não são atacadas somente nas redes sociais, entretanto, é no meio virtual que elas possuem liberdade para se expressar e encontram apoio¹⁶ em seus pares, o que gera e mantém a coesão do grupo.

Em ambas as páginas, para além dos conteúdos que visam alertar ou pedagogizar suas leitoras, encontramos *posts* a respeito de campanhas criadas

¹⁶ Miskolci (2016, apud Ávila, 2014), pesquisou como a disseminação do uso da internet possibilitou transsexuais e indivíduos intersex se compreenderem. Algo semelhante ocorre entre as feministas evangélicas, quando encontram na internet mulheres que partilham dos mesmos sentimentos, crenças, valores e ideais elas se sentem acolhidas, se sentem fazendo parte de um coletivo. É possível encontrar acolhimento, sororidade e incentivo no grupo Feministas Cristãs no *Facebook*.

pelo grupo, participações em eventos e compartilhamento de conteúdo produzido por outras páginas feministas, LGBTs e /ou do movimento, por exemplo, que convergem com as pautas defendidas pelas feministas evangélicas. A atitude de compartilhamento do conteúdo de páginas com objetivos semelhantes ou de personalidades públicas e influentes mostra a integração delas com outros grupos militantes, o que culmina com o estabelecimento de uma rede de contatos que se apoia e promove aumento da visibilidade de maneira mútua. Desse modo, os seguidores de uma determinada página têm acesso ao conteúdo de diversas outras páginas e, através dela, podem compartilhar as informações e debates ali expostos. Portanto, o ativismo digital não ocorre modo recluso, mas ramificado entre grupos que possuem reivindicações semelhantes, permitindo-lhes aumento da visibilidade para as causas defendidas nas lutas por reconhecimento e por construção de direitos.

Figura 2: Católicas pelo Direito de Decidir compartilhando a página Frente Evangélica pela Legalização do aborto.



Fonte: Printscreen da página Frente Evangélica pela Legalização do Aborto.

Figura 3: Marielle Franco compartilhando a página das Evangélicas pela Legalização do Aborto em seu perfil no Facebook.



Fonte: Printscreen da página Frente Evangélica pela Legalização do Aborto.

Embora a internet dê voz a seus usuários, Miskolci (2016), ao analisar a política nas redes sociais, ressalta que grupos de discussão política tendem a trocar informações e reflexões entre si, isso faz com o que os laços dos grupos se fortaleçam. Entretanto, a disseminação de suas ideias possui um baixo impacto em redes de grupos “rivais”. Este fato nos mostra que é difícil dissolver preconceitos por meio da internet, visto que os usuários tendem a procurar e acessar conteúdos sobre aquilo que acreditam e a ignorarem conteúdos que vão na direção contrária a seus valores morais. Para o autor, mídias sociais, como o Facebook, têm gerado a união de indivíduos que possuem valores e compartilham interesses comuns. Por outro lado, há o acirramento de conflitos entre grupos que possuem valores morais, ideológicos e religiosos distintos.

Na concepção de Pierre Lévy (1999), tanto as emoções quanto os julgamentos e/ou opinião pública existem e se manifestam também no

ciberespaço. Já Miskolci (2016), afirma que na rede os usuários se sentem mais seguros para expressar suas opiniões e por isso tendem a ter um comportamento mais autoritário e/ou agressivo do que teriam em situações *off-line*, visto que a internet funciona praticamente sem mediações da justiça. Essa característica faz com que alguns indivíduos a transformem em um verdadeiro “ringue de vale tudo”. As análises dos autores vão na direção do que encontramos na página Frente Evangélica pela Legalização do Aborto em um *post* do dia 12 de dezembro de 2018. Muitos usuários da rede social *Facebook* acessaram a página e começaram a enviar comentários de ódio e repúdio contra as feministas evangélicas. Dentre estes, destacamos: “Filhas do diabo”, “assassinas, lobos vestidos em pele de ovelha”, “Quem apoiar está indo pro inferno também”, “Rasgaram a bíblia?? Favor, mudem para frente pela legalização do aborto. Tirem o “Evangélicas”, não envergonhem os cristãos”.

Houve debate nos comentários por parte tanto da administração da página quanto de outros usuários. Em seus pronunciamentos, as administradoras tentaram explicar aos usuários, responsáveis pelos comentários ofensivos, que eles desvirtuavam a atuação por elas proposta e que desenvolviam um trabalho importante pelo bem das mulheres. Atualmente, em análises recentes que terminaram em março de 2019, notamos que a administração da página Frente evangélica pela legalização do aborto não se envolve mais em debates ou explicações. Para além de pronunciamentos próprios e compartilhamento de notícias advindas de outros espaços virtuais, mas que convergem com no debate da legalização do aborto, a administração se manifesta agradecendo o apoio que recebe de usuários que as elogiam ou defendem.

Silva (2015), ao estudar a página das *Católicas pelo Direito de Decidir* no Facebook, destacou que elas não se expõem nos comentários. Ou seja, elas fazem seus pronunciamentos, militâncias e informativos através dos *posts* mas não ficam respondendo comentários ofensivos ou não. Portanto, não há interação entre quem administra a página e os usuários da rede social. A autora informa, ainda, que as CDD¹⁷ não excluem ou bloqueiam pessoas que fazem comentários ofensivos e/ou acusatórios. Do mesmo modo os comentários também não são excluídos. Segundo Santos (2015), as CDD prezam por um ambiente de livre expressão, de diversidade de opinião pois acreditam que a própria religião católica deveria ser assim.

¹⁷ Católicas pelo Direito de Decidir.

Em referência aos *posts* das Feministas Evangélicas nas páginas Evangélicas pela Igualdade de Gênero e Frente Evangélica pela legalização do Aborto e em comparação ao estudo de Miskolci e Santos, já mencionados, questionamos a reverberação do conteúdo produzido por elas em seus respectivos espaços virtuais junto aos indivíduos com concepções de mundo mais tradicionais. De modo geral poderíamos apontar que todo o conteúdo produzido nas páginas e grupos pesquisados é aproveitado somente por quem se identifica, *a priori*, com os valores sociais defendidos por elas.

Nesse sentido, é importante destacar que os indivíduos, em maioria do sexo feminino (mas também os homens que apoiam), religiosas ou não, se identificam com valores compartilhados pela esquerda política. Tais como: respeito a diversidade, a democracia, a luta pela legalização do aborto, a luta contra a violência doméstica, respeito pelos direitos humanos, respeito e acolhimento por diversos formatos de formação familiar... entre outros. Já os indivíduos produtores de comentários ofensivos e/ou agressivos defendem os ideais que configuram a chamada direita política, como por exemplo: repúdio à legalização do aborto e defesa da preservação da família nuclear. Ressaltamos ainda que, os comentários contra o aborto são baseados em passagens bíblicas, descritas através de palavras violentas que depreciam o feminino. Alguns sugerem inclusive a suspensão da vida sexual como forma de contracepção e defendem que a vida do embrião possui mais valor que a da mulher. De modo contrário, os comentários a favor da legalização são compostos por dados estatísticos e conhecimento sistematicamente produzido por estudos científicos. No que diz respeito ao tom da argumentação, não se mostram violentos nem acusatórios e visam estabelecer um diálogo esclarecedor, embora frequentemente sem sucesso, dado a não receptibilidade dos defensores pró-vida.

Souza (2004) afirma que embora a religião tenha perdido a centralidade de organização das relações sociais, por conta do processo de secularização, ela ainda exerce influência sobre a agência dos indivíduos em sociedade. Logo, é evidente que o feminismo evangélico ofende a moralidade dos indivíduos religiosos, ou não, mas que possuem a concepção tradicional dos papéis de gênero de forma cristalizada, ou seja, imutável e inegociável. Ainda tratando da influência que a religião exerce sobre as “moralidades sociais”, segundo Machado (1994), os evangélicos defendem que a prática do sexo deve se estabelecer para além da intenção de procriação (ou seja, deva ser uma prática que tenha por premissa básica o prazer do casal), fazendo com que fossem a favor da utilização pílula anticoncepcional como forma de planejamento

familiar. Entretanto, a autora ressalta que este grupo religioso continua sendo contra a prática do aborto, nem mesmo por questões de saúde ou de estupro. O perfil tradicional dos evangélicos no que tange à moral e à família vigora até mesmo na política¹⁸, e o grande objetivo é manter o controle sobre a população feminina.

Rosado-Nunes (2017), afirma que as teólogas cristãs convergem com boa parte das feministas no que tange à crítica da obrigatoriedade da maternidade para as mulheres. Elas não aceitam que condição biológica feminina seja um fator determinante para colocar as mulheres em lugares subalternos na ordenação social e eclesial. Esta também é uma reivindicação notada nas feministas evangélicas:

(...) o reconhecimento de sua capacidade moral de tomar decisões que consideram válidas dos pontos de vista ético e religioso; o reconhecimento de seu direito de decidir acerca de questões que afetem suas vidas e seus corpos; e o reconhecimento de que sua experiência de vida é apropriada para a reflexão religiosa. (...) Como alguém pode sentir-se uma pessoa quando aquilo que se acha mais próximo dela, seu próprio corpo, lhe escapa, tornando-se dependente de outras pessoas e ficando submetido à autoridade destas? (ROSADO-NUNES, 2017, p. 74/75).

Como acabamos de ver, a concepção da mulher como inferior ao homem e o seu corpo como mero objeto reprodutivo está em franca desconstrução, entretanto, o exercício da luta pela garantia de direitos femininos fere algumas moralidades sociais. Segundo Souza, *A religião, com suas heranças misóginas seria um veículo eficaz para a naturalização e legitimação da violência de gênero* (SOUZA, 2017, p.126). E é principalmente contra a naturalização de violência contra a mulher que lutam as feministas evangélicas, especialmente no ambiente virtual.

Um dos instrumentos mais utilizado pelos grupos pesquisados são os memes, como recurso de alerta e de escracho público. Para Mian et al (2017), o ciberativismo é a forma de ativismo articulado por plataformas de

¹⁸ Ao observar posts e comentários tanto no grupo Feministas Cristãs quanto nas páginas produtoras de conteúdo feminista evangélico, para nós torceu-se claro a grande desaprovação das feministas evangélicas em relação a Bancada da Bíblia.

relacionamento *on-line*, ou seja, redes sociais. Para a autora, o ciberativismo tem se mostrado como um novo meio de expressão dos pensamentos, opiniões e produz reflexos na vida prática. Muitas das ideias e opiniões dos ciberativistas são externalizados de diversas formas, a mais nova delas são os memes. Segundo a autora, embora eles sejam reconhecidos por sua personalidade cômica e estejam associados à “cultura inútil”, eles podem refletir a problematização das estruturas sociais e culturais, revelando os hábitos, as crenças e as moralidades dos indivíduos.

No caso dos memes criados pela página Evangélicas pela Igualdade de Gênero houve grande repercussão. A página recebeu muitos *likes*, comentários e compartilhamentos por conta dos memes que reproduziam situações vivenciadas pelas feministas evangélicas nas igrejas. Reservei dois dos memes que receberam mais *likes*, 159 e 111, respectivamente:

Figura 4: Memes das Evangélicas pela Igualdade de Gênero sobre assédio.



Fonte: Página das Evangélicas pela Igualdade de Gênero no Facebook. www.facebook.com/mulhereseig/photos/a.593861227419306.1073741828.556840357788060/951222178349874/?type=3&theater

Figura 5: Memes das Evangélicas pela Igualdade de Gênero sobre violência doméstica.



Fonte: Página das Evangélicas pela Igualdade de Gênero no Facebook. www.facebook.com/mulhereseig/photos/a.593861227419306.1073741828.556840357788060/951643444974414/?type=3&theater

O elevado número de curtidas explicita a grande parcela de mulheres que se identificaram com a situação ilustrada. Isto nos mostra que, por meio da internet, o que era o problema de uma mulher, passa a ser uma questão compartilhada coletivamente por todas. A internet favorece a propagação de situações de verossímil particularidade que revelam não só uma vivência individual, mas indica e afirma problemas estruturais e de dominação do gênero masculino sobre o feminino. Nesse sentido, quando uma mulher (dentro de casa ou da igreja) sofre violência ou abuso, não é um problema privado, mas um problema público. Antes da internet, as mulheres que passavam por este tipo de situação se viam, seja por vergonha ou por falta de informação, com maior dificuldade de compartilhar ou tornar pública sua experiência. À medida que os discursos das vítimas adentram o espaço virtual há, não só o incentivo à explicitação de outros casos, mas também a contribuição para a prevenção de novos casos. Isso porque mais mulheres são instruídas sobre como agir para evitar a violência ou sobre como agir caso ela ocorra.

Em conversa conosco, Daiane Mendes, uma das autoras do livro “Refêns da Fé” e colaboradora da página Evangélicas pela Igualdade de Gênero, afirmou ter tido a ideia da elaboração dos memes em uma oficina de cartazes. Na ocasião, as participantes escreveram frases de cunho pejorativo, machista e/ou violentas nos cartazes, que seriam utilizados em uma passeata em defesa dos direitos da mulher no Estado de São Paulo. De origem católica, a autora nos relatou que os primeiros memes publicados na página foram frases das mulheres da oficina de cartazes, posteriormente outros memes foram criados a partir dos relatos das próprias seguidoras da página manifestados nos comentários dos primeiros memes criados.

A autora garante que colheu muito material, inclusive sobre assédios sexual e moral, e afirma que muitas mulheres mandaram mensagens privadas para a página relatando suas vivências. Os memes como ferramenta de escraço e promotora de uma rápida “autorreflexão” são também para Mian (2017), representações das ações sociais pois externalizam e reforçam a conjuntura em que vivem os atores que os criam e dos atores que os compartilham, fomentando debates sobre as situações problemáticas que apresentam.

Considerações finais

Para Rohden (1997), a religião que tenha sua construção em bases patriarcais é identificada como a maior legitimação ideológica da dominação masculina. Diante desta dimensão, contra toda e qualquer subordinação e silenciamento feminino, desde a década de 1980 teólogas feministas começam a escrever artigos de cunho teológico, com o objetivo de disputar narrativas e gerar maior visibilidade para as mulheres na igreja. Segundo a autora, para as teólogas feministas é fundamental romper com o patriarcalismo, visto que este é o principal motivo da dominação cristã e conseqüentemente das mulheres. Portanto, é necessário que as mulheres possuam voz e lutem pelos lugares de poder dentro destas instituições.

Falar e encontrar as palavras para falar representa, para os oprimidos, uma das modalidades de resistência e de luta contra a dominação (APFELBAUM, 1979/1999). Portanto, o movimento feminista visa construir no ambiente on-line significados que combatam o machismo e empoderem as mulheres, permitindo que as ativistas também se tornem criadoras e propagadoras dos conteúdos que ajudam a produzir sentido e alerta contra violências verbais, físicas, psicológicas e simbólicas praticadas contra elas.

Nos grupos pesquisados, estes objetivos se configuram como práticas eminentemente feministas, provocando articulações e diálogos entre estes dois campos historicamente polarizados nas ações daquelas que se dizem evangélicas feministas. A utilização das tecnologias de comunicação, como internet e redes sociais, possibilitou a ampliação deste diálogo e uma maior visibilização dos tensionamentos em relação a condição de fala e poder das mulheres no interior do campo evangélico que anteriormente eram mais facilmente silenciadas.

A utilização dos memes se configurou como interessante estratégia de ridicularização e crítica de diversas situações vivenciadas pelas mulheres. Nesse sentido, eles podem refletir a problematização das estruturas sociais e culturais, revelando os hábitos, as crenças e as moralidades dos indivíduos. Portanto, por não serem meros vetores de humor, os memes encontrados na página Evangélicas pela Igualdade de Gênero refletem representações das problemáticas da vida prática dessas mulheres.

No que tange à utilização da internet, percebemos que a militância virtual é bastante limitada no sentido de desconstruir preconceitos e mudar concepções de indivíduos com pensamentos políticos tradicionais e/ou religiosos. Entretanto, é uma ferramenta importante na construção da visibilidade para o grupo no que diz respeito à luta por reconhecimento, seja entre feministas, seja entre evangélicos de modo mais amplo. Também é importante destacar o caráter de união e acolhimento, bem como a livre e espontânea adesão do mesmo, revelando o avanço de concepções mais igualitárias de gênero em nossa sociedade, mesmo entre grupos historicamente tidos como mais refratários a elas.

Referências

APFELBAUM, E. Dominação. In: HIRATA, H.; LABORIE, F.; LE DOARÉ, H.; SENOTIER, D. (Org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2009.

BALLESTRIN, Luciana Maria de Aragão. **Feminismos Subalternos**. Estudos Feministas, Florianópolis, 25(3): 530, setembro-dezembro/2017.

BECKER, Howard S. Segredos e truques de pesquisa. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. **A sociedade em rede**. Ed. São Paulo: Paz e terra, 1999.

SILVA, Julia do Carmo. Feministas por opção, católicas pelo direito de decidir: agentes na igreja católica. Dissertação de mestrado, Santa Maria, RS, Brasil, 2015.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura** São Paulo: 34 LTDA, 1999.

MACHADO, M. D. C.. Religiosidade e Relações Intra-Familiares: Uma Comparação da ética dos pentecostais e Carismáticos. REVISTA DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, v. 16, p. 69-84, 1994.

MIAN, Mariella Batarra et al. **O ciberativismo potencializado via memes: uma análise da articulação de pautas políticas e sociais nas redes**. Universidade Federal do ABC, Santo André, SP. 2017.

MISKOLCI, Richard. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. In.: **Revista contemporânea**, vol. 6 n,2 p.275-297 jul.-dez.2016.

NASCIMENTO, Beatriz et al. Refêns da fé: mulheres evangélicas sofrem mais violência?. Casa Flutuante, 2017.

POLLAK, Michael. 1989. Memória, esquecimento e silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, CPDOC, p. 3-15.

ROESE, Anete. Religião e feminismo descolonial: os protagonismos e novos agenciamentos religiosos das mulheres no século XXI. Horizonte, Belo Horizonte, v. 13, n.39, p.1534-1558, jul/set. 2015.

_____. **O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões**. Cadernos Pagu (16) 2001: pp. 79-96.

ROHDEN, Fabíola. Catolicismo e protestantismo: O feminismo como uma questão emergente. In: Cadernos Pagu; pág. 51-97; 1997.

ROSADO-NUNES, Maria José. **Feminismo, gênero e religião – os desafios de um encontro possível**. Estudos da Religião, v. 31, n.2. 65-76, maio-ago, 2017.

ROSSINI, Patrícia Gonçalves da Conceição. **Da rede para as ruas: mídias sociais como novas “armas” na luta por reconhecimento?** . C&S – São Bernardo do Campo, v.36, n. 1, p. 301-325, jul/dez. 2014.

SOUZA, Sandra Duarte de. **Gênero e religião nos estudos feministas**. Estudos feministas, Florianópolis, 12;9 N.E.: 264, set-dez, 2004.

TOSTES, Angelica. Marginais dentro do centro: os evangélicos e o movimento social. 2018. Disponível em: <https://angeliquisses.wordpress.com/2018/03/29/marginais-dentro-do-centro-os-evangelicos-e-o-movimento-social/> <<Acessado em 29 de março de 2018>>

VILHENA, C. Valéria. Pela Voz das Mulheres: uma análise da violência doméstica entre mulheres evangélicas atendidas no Núcleo de Defesa e Convivência da Mulher – Casa Sofia. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2009.

WOODHEAD, Linda. **Mulheres e gênero: uma estrutura teórica**. Estudos da Religião, n.1, 2002, p. 1-11.

Notícia sobre o grupo do facebook Feministas Cristãs. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150729_salasocial_evangelicas_feministas_cc <<acesso em: 20, dezembro, 2017>>

Feminism and religion: an analysis of evangelical feminists on the social network

ABSTRACT

This article aims to discuss, through the case of evangelical feminists, the role that the internet has been assuming as the conduit (and diffuser) of social struggles, particularly feminism. Several minority groups fighting for social recognition have appropriated this space and created new dynamics of mobilization and struggle from these communication tools. According to the researched literature, Facebook is the most used social network when the goal is social mobilization. That's why we chose to focus on a group and two pages of women on Facebook who claim to be Christian / evangelical and also feminist precisely because of the antagonism that this double belonging seems to have and the possible interest groups that the themes arouse in the network. In this way, we seek to highlight some elements particular to this segment studied and others common to political groups that are using digital activism.

Keywords: Gender, Religion, Social Networking, Digital Activism.